

Linguagem Dialógica Instrucional: A (re)construção da linguagem para cursos online

Campinas – 05/2009

Dilermando Piva Jr.

Centro Paula Souza - Faculdade de Tecnologia Indaiatuba – FATEC-ID // piva@ieee.org

Ricardo Luis de Freitas

PUC-Campinas - CEATEC // rfreitas@puc-campinas.edu.br

Rosana Giaretta Sguerra Miskulin

UNESP – Rio Claro - IGCE/Depto. de Matemática // misk@rc.unesp.br

Categoria: C – Métodos e Tecnologias

Setor Educacional: 3 – Educação Universitária

Natureza do Trabalho: C – Modelo de Planejamento

Classe: 2 – Experiência Inovadora

Resumo: *Este artigo apresenta a base teórica da conceituação da “linguagem dialógica instrucional” para ser utilizada em EaD, sedimentada em duas correntes de pensamento: de um lado a “educação dialógica” ou “educação libertadora” de Paulo Freire que trata da necessidade do educador falar usando a mesma linguagem do aprendiz e, também, da necessidade do diálogo, daí “educação dialógica”; de outro a “dialogicidade da língua” ou “linguagem dialógica” de Mikhail Bakhtin que fundamenta seu estudo na polifonia e polissemia da língua escrita/falada, rompendo a concepção monológica da língua/linguagem. Em seguida, serão apresentados os passos sugeridos para a (re)construção dos objetos de aprendizagem (escrita e fala) em processos de ensino online. Por fim, serão descritos os princípios fundamentais conclusivos da (re)construção dos objetos de aprendizagem destinados a cursos online, o qual denominamos de “linguagem dialógica instrucional”.*

Palavras-chaves: *Linguagem Dialógica Instrucional, Linguagem Dialógica, Cursos Online, Reconstrução da Linguagem, Objetos de Aprendizagem*

1. Introdução

Os processos de ensino online recorrem fundamentalmente à comunicação verbal (escrita e/ou falada) para a transmissão do conhecimento. Da interação entre aprendizes e os objetos de aprendizagem, pode ocorrer a assimilação dos conteúdos, expressos (através dos textos / falas) pelo educador.

Quanto mais próximo da realidade do aprendente estiver o texto/fala, maior será a sensibilização, e conseqüentemente, maior a possibilidade de assimilação de tal conteúdo.

Para tanto, ao produzir um objeto de aprendizagem (texto ou fala), o educador deverá focar o destinatário da mensagem, e (re)construir o texto/fala no mesmo eixo paradigmático em que o aprendente está inserido, tomando os devidos cuidados com o eixo sintagmático, a fim de que a seqüência das informações estejam adequadas a este mesmo aprendente. Percorrendo estes passos, e outros descritos adiante neste artigo, o educador estará construindo ou reconstruindo o texto/fala em “linguagem dialógica instrucional”.

Este artigo, inicialmente, apresenta a base teórica da conceituação da “linguagem dialógica instrucional”, sedimentada em duas correntes de pensamento: de um lado a “educação dialógica” ou “educação libertadora” de Paulo Freire que trata da necessidade do educador usar a mesma linguagem do aprendiz e também da necessidade do diálogo, daí “educação dialógica”; e de outro a “dialogicidade da língua” ou “linguagem dialógica” de Mikhail Bakhtin que fundamenta seu estudo na polifonia e polissemia da língua escrita/falada, rompendo a concepção monológica da língua/linguagem.

Em seguida, serão apresentados os passos para a construção / reconstrução dos objetos de aprendizagem (escrita e fala) em processos de ensino online. Por fim, serão descritos os princípios fundamentais conclusivos da construção/reconstrução dos objetos de aprendizagem destinados a cursos online, o qual denominamos de “linguagem dialógica instrucional”.

2. Bases teóricas da “Linguagem Dialógica Instrucional”

Como descrito anteriormente, a base teórica da conceituação da “linguagem dialógica instrucional”, está sedimentada em duas correntes de pensamento: de um lado a “educação dialógica” ou “educação libertadora” de

Paulo Freire, e de outro a “dialogicidade da língua” ou “linguagem dialógica” de Mikhail Bakhtin.

2.1. A “Educação Libertadora” ou “Educação Dialógica” de Freire

Segundo Harmon (1975), *“a pedagogia proposta por Freire é fundamentada numa antropologia filosófica dialética cuja meta é o engajamento do indivíduo na luta por transformações sociais. Daí a urgência de uma educação capaz de despertar a consciência crítica para que ele possa se inserir nesta luta”* (HARMON, 1975:89). Sendo assim, para Freire, a base da pedagogia é o diálogo. A relação pedagógica necessita ser, acima de tudo, uma relação dialógica.

Freire (1995) via o diálogo, ou a dialogicidade, como imprescindível na comunicação e na intercomunicação entre sujeitos, pois oferece a possibilidade de conhecer e de conhecer mais. Segundo o autor, *“a experiência dialógica é fundamental para a construção da curiosidade epistemológica. São constitutivos desta: a postura crítica que o diálogo implica; a sua preocupação em apreender a razão de ser do objeto que medeia os sujeitos dialógicos”*. (Freire, 1995 p.81).

Assim, segundo Paulo Freire (1995), a prática educativa não pode ficar reduzida à pura técnica nem à transferência de conhecimentos, mas o ato do ensinar precisa levar em conta *“o inacabamento do ser ou sua inconclusão”* como próprio da experiência vital. É necessário abrir-se à realidade dos sujeitos que partilham a atividade pedagógica.

Paulo Freire explicita a compreensão ou visão de homem construindo sua natureza na própria história, da qual se torna sujeito e objeto, promulgando a humanização como uma vocação do homem – ser mais – dando lugar à esperança e à liberdade.

Aprofundando a idéia de diálogo e de palavra geradora, Freire (1992) propõe uma nova forma de conceber e criar programas educacionais, ela mesma dialógica pela utilização de temas geradores, como forma de *“devolver ao povo os elementos que forneceram aos educadores-educandos de forma organizada, sistematizada e acrescentada”* (Freire, 1992).

O método de ensino proposto por Paulo Freire ancora essa dialogicidade no tripé educador–educando–objeto do conhecimento. O diálogo entre estes

três personagens começa já no desenvolvimento de um programa de ensino, no planejamento. É necessária a pesquisa do universo vocabular, das condições de vida do educando e do próprio educador, para aproximar o educador-educando-objeto do conhecimento de uma forma democrática e libertadora (FEITOSA, 1999). Isto indica a preocupação que o educador deve ter em relação ao paradigma em que o educando está inserido. Isto se concretiza, em termos de construção dos objetos de aprendizagem, na preocupação / adequação do eixo paradigmático de tais objetos.

Dessa forma, Freire (1987), ao apontar a questão da não neutralidade da prática educativa, exigindo definição, decisão, ruptura e posição por parte do professor, infere a necessidade de mudanças posturais desse educador, que possivelmente somente se transformará a partir do desenvolvimento do pensamento crítico reflexivo desse profissional, articulando os aspectos emocionais com os racionais.

Transportando tais concepções para os ambientes virtuais de ensino, Valente (2003) propõe uma abordagem denominada “*estar junto virtual*”.

Com isso, a (re)construção dos objetos de aprendizagem fazem-se necessários para efetivação de tal intuito.

2.2. A “Dialogicidade” ou “Linguagem Dialógica” de Mikhail Bakhtin

O principal foco de estudo de Mikhail Bakhtin foi a comunicação diária e os gêneros do discurso. Bakhtin teve sua obra centrada na linguagem, buscando ultrapassar as grandes correntes da lingüística de sua época cujas definições de linguagem, a seu ver, não escapavam de um dualismo infundado, colocando em oposição ora língua falada, código enquanto mensagem, ora língua enquanto discurso. Bakhtin (1999), no intuito de demonstrar a natureza real da linguagem enquanto fenômeno sócio-ideológico teceu uma crítica epistemológica radical ao Objetivismo Abstrato e o Subjetivismo Idealista, reduzindo a língua a um sistema abstrato de formas ou tratando-a como uma expressão da realidade interna. Para o teórico russo, ambas as correntes - o objetivismo abstrato e o subjetivismo idealista - não atingiam o verdadeiro núcleo da realidade lingüística: a interação verbal.

Bakhtin foi intensamente influenciado pelo pensamento marxista, donde herdou, dentre muitas características, a dialética. Bakhtin apreende a realidade

de forma dialética, ou seja, como contraditória e em constante transformação. Assim, para ele, os seres humanos, em constante transformação, necessitam da flexibilização da sociedade. Este processo gera a instabilidade. Portanto a significação permeada por contradições, é provisória e não apresenta identidade nem estabilidade permanentes. A comunicação passa a ser vista como um sistema reversível e interacional, o que para Bakhtin constitui o princípio fundamental da linguagem (BAKHTIN, 1999).

Bakhtin opôs à visão monológica dominante de sua época, uma visão baseada no diálogo na polifonia – multiplicidade de vozes - e na polissemia – várias acepções de um mesmo termo -, sendo o dialogismo um dos conceitos básicos de seu pensamento. Para Bakhtin o conhecimento é constituído na interação, e por isso ele passou a valorizar a interação com o outro. A linguagem, portanto, media a ação do sujeito sobre o objeto, desempenhando a função mediadora. (BAKHTIN, 1999).

Para Bakhtin, a compreensão compartilhada de palavras utilizadas pelos usuários de uma língua deve-se à sua significação. Para o autor, a palavra e a sentença possuem um significado próprio. Elas não têm autor e somente serão expressões individuais dentro de um enunciado produzido por um emissor (falante ou escritor) em uma situação concreta. Assim, na visão de Bakhtin, a palavra exerce a função de signo, e possui uma expressividade que surge no contato com a situação real de um enunciado individual. Em Bakhtin (1999, p. 132), o autor compara a palavra a uma ponte que se apóia numa extremidade sobre o emissor e na outra se apóia sobre o seu interlocutor. Daí a importância da (re)construção do texto/fala levando-se em conta o eixo paradigmático, com vistas ao educando. Com isso, consegue-se reduzir a polissemia do texto/fala. Somado a isto, potencializar-se-á esta redução com a adequação do eixo sintagmático, com o professor preocupando-se com a seqüência adequada das palavras / enunciados.

Segundo Bakhtin, é através da interação com o outro e seus enunciados individuais que ocorre a assimilação da expressividade conferida às palavras e enunciados. Todo enunciado tem um autor. Ele é elaborado visando uma compreensão responsiva ativa do destinatário. Para facilitar a compreensão responsiva de um enunciado, alguns fatores como o grau de informação do destinatário e o seu conhecimento especializado na área, devem ser

considerados. Isso se deve a que são esses fatores os determinantes na escolha do gênero e do estilo do enunciado.

Bakhtin, ao trabalhar a linguagem enquanto processo, elege a enunciação como o motor essencial da língua, pois, segundo ele, a língua não passa de um processo contínuo/evolutivo ininterrupto que se efetiva na e pela interação verbal dos interlocutores. Assim, a língua se materializa pelas enunciações.

Dessa forma, toda enunciação é, portanto, diálogo, ou seja, não há enunciado isolado. Para Bakhtin, qualquer enunciado - oral ou escrito - faz parte de um processo de comunicação ininterrupto, pressupondo, além da presença concomitante de um ser falante e de um ser ouvinte, aqueles enunciados que o antecederam e todos os que o sucederão. Caracteriza-se o enunciado, então, como um elo de uma grande cadeia dialógica que só pode ser compreendido no interior dessa cadeia. Toda palavra, nesse sentido, já é uma contra palavra, demandando do interlocutor uma resposta, no interior de um processo de compreensão ativo, o qual Bakhtin chama de processo responsivo ativo.

3. Princípios da Linguagem Dialógica Instrucional

Das constatações apresentadas por Freire e Bakhtin emerge o fundamento da expressão “linguagem dialógica instrucional”. Conforme já exposto, todo enunciado (texto/fala) é, em sua essência, um diálogo. Portanto, a construção de textos utilizando a dialogicidade ou a “linguagem dialógica” está infundada, pois todo e qualquer enunciado é construído em “linguagem dialógica”. Portanto, o que se propõe neste trabalho com “linguagem dialógica instrucional”, no que se refere à (re)construção do texto/fala é a utilização da dialogicidade explícita, com a conseqüente adequação dos eixos paradigmático e sintagmático.

Para Bakhtin, devido à multiplicidade de vozes existentes em nossa volta, a vida é dialógica por natureza, pois o homem está imerso em uma rede de relações que permeia sua existência, ligando-o e promovendo sua interação com os outros. Portanto, a língua não é neutra, já que reúne traços de discursos contraditórios que a tornam ideologicamente complexa, caracterizando-a como dialógica.

Segundo BARROS (1996, p. 34), o texto é concebido “*como um tecido de muitas vozes, ou de muitos textos ou discursos, que se entrecruzam, se completam, respondem umas às outras ou polemizam entre si no interior do texto*”.

O processo de decodificação pressupõe uma relação entre as informações existentes e as novas informações absorvidas. Segundo Bakhtin,

“toda enunciação, mesmo na forma imobilizada da escrita, é uma resposta a alguma coisa e é construída como tal. Não passa de um elo da cadeia dos atos de fala. Toda inscrição prolonga aquelas que a precederam, trava uma polêmica com elas, conta com as reações ativas da compreensão, antecipa-as.” (BAKHTIN, 1999, p. 98).

Continua o teórico russo: “... *A compreensão é uma forma de diálogo; ela está para a enunciação assim como uma réplica está para a outra no diálogo. Compreender é opor à palavra do locutor uma contra palavra.*” (BAKHTIN, 1999, p. 132).

Segundo Bodker (1991):

“documentos escritos não são representações ou explicações do mundo, eles se destinam a acionar algum conhecimento do leitor com relação às suas próprias experiências. O desafio para o escritor é acionar o conhecimento “correto”. O que entendemos ou conhecemos de forma prática é mais importante, e precede, um entendimento teórico, não importando o domínio a que nos referimos. Isto significa que todo e qualquer conceito surge a partir, e existe em conexão com, o mundo material”. (1991, p3)

Muitos autores/pesquisadores já discutiram a questão da construção de materiais instrucionais. Dois deles são citados a seguir.

Salgado (2002, p. 3) apresenta em seu artigo como deve ser preparado o material para ensino a distância. Segundo ela,

“O material para ensino a distância pode adotar um estilo mais coloquial, mas deve ser claro e enxuto, tomando-se grande cuidado para apresentar as informações de modo controlado, articulando-as com atividades e exercícios que devem permear o texto e não ficar soltos no final. É necessário incluir casos e exemplos do cotidiano, de maneira a mobilizar os conhecimentos prévios dos alunos e facilitar a incorporação das novas informações aos esquemas mentais alunos e facilitar a incorporação de novas informações aos esquemas mentais preexistentes. As atividades de estudo,

bem como os casos e exemplos, devem integrar organicamente o texto, funcionando como recursos de tessitura e não como apêndices dispensáveis. Isso significa que o aluno é levado a raciocinar e refletir com base nos exemplos, casos e atividades de estudo, de tal maneira que esses elementos se tornam essenciais para a compreensão do texto” (SALGADO, 2002, p.3).

Também as professoras Palloff e Pratt (2001, p. 43), relacionam as seguintes técnicas para desenvolvimento de material educacional:

“Criar páginas da web que contenham não mais de uma tela, incluindo textos e gráficos (sem rolagem de tela - scroll); Prever algum tipo de atividades colaborativas em pequenos grupos; Prever atividades de pesquisa, incentivando os estudantes a procurarem e apresentarem recursos adicionais, encontrados na internet, livros e jornais; Usar simulações; Incentivar os estudantes a se aprofundar em determinados tópicos e depois apresentar o conteúdo aos demais estudantes; Usar discussões assíncronas de determinados tópicos que serão estudados; Incentivar que os alunos publiquem artigos no site do curso; Fazer uso limitado de áudio e vídeo.” (PALLOFF; PRATT 2001, p. 43)

Relacionando os princípios de Freire e Bakhtin, juntamente com as orientações enunciadas por diversos autores na área de Educação a Distância, chega-se ao conceito de Linguagem Dialógica Instrucional:

Entende-se que um texto seja reconstruído utilizando a linguagem dialógica instrucional quando se escolhe o eixo paradigmático mais elementar (para um determinado público alvo), refletindo uma maior clareza e linearidade no eixo sintagmático¹.

Para se conseguir este intuito, sugere-se que o professor ao (re)construir o texto, utilizando a **Linguagem Dialógica Instrucional**, siga os seguintes princípios:

- a) usar sentenças curtas e evitar sentenças compostas;
- b) evitar excesso de informações na sentença;
- c) usar voz ativa e pronomes pessoais;
- d) manter itens iguais ou equivalentes em paralelo e listar as condições separadamente;
- e) usar exemplos familiares ao público alvo;
- f) escrever o mais próximo possível de como se fala;
- g) evitar jargões e palavras difíceis e desnecessárias;

- h) utilizar termos técnicos somente quando necessários e, sempre que possível, devem vir acompanhados de explicações;
- i) colocar as sentenças e parágrafos em uma seqüência lógica: primeiro as coisas que sensibilizam ou são contextualizadas por muitos e depois as coisas com baixa sensibilização e contextualização; primeiro o geral, depois o específico; primeiro os conceitos permanentes, depois os temporários.

5. Exemplo de Reconstrução de Texto utilizando a Linguagem Dialógica Instrucional

A seguir é mostrada, apenas a título de ilustração, uma aplicação da Linguagem Dialógica Instrucional. O exemplo se refere ao texto introdutório de um curso de Banco de Dados Relacional. Observe o Texto 1a, construído na concepção tradicional, com a voz em segunda pessoa. A seguir observe o mesmo texto (Texto 1b), reconstruído utilizando os princípios da Linguagem Dialógica Instrucional.

Texto 1a

“Esta lição irá apresentar como criar um Banco de Dados Relacional e mostrar sua aplicação no contexto de uma Vídeo Locadora. Para começar, clique no botão <iniciar>”.

Texto 2a



“Olá! Meu nome é Banks. Durante toda essa lição eu vou mostrar a você como criar um Banco de Dados Relacional, e destacar a sua aplicação no contexto de uma Vídeo Locadora. Vamos começar? Quando estiver pronto, clique no botão <iniciar>”.

6. Conclusão

Antes de pretender esgotar o assunto, este trabalho apresentou, a partir da base conceitual de Paulo Freire e Mikhail Bakhtin, os princípios da Linguagem Dialógica Instrucional.

Muitos estudos já comprovaram que a personalização do processo narrativo em processos de ensino a distância melhoram significativamente o desempenho e a aprendizagem dos estudantes. Segundo Moreno e Mayer (2000), a utilização da personalização do material didático produziu melhoras na aprendizagem de 20% para 46% (26% de melhoria). Neste contexto, o uso

da Linguagem Dialógica Instrucional pode vir a se constituir num novo campo de experimentações que ofereçam soluções inovadoras para os ambientes virtuais de aprendizagem.

Assim, busca-se, em síntese, ampliar o potencial da aprendizagem, tão esquecida no processo tradicional, focado que é na “quantidade do conteúdo assimilado”.

7. Bibliografia

MORENO, R.; MAYER, R.E. (2000). **Engaging students in active learning: The case for personalized multimedia messages**. Journal of Educational Psychology, 93, p. 724-733.

SALGADO, Maria U. C. (2002). **Materiais Escritos nos Processos Formativos a Distância**. [Online]. Disponível: <http://www.redebrasil.tv.br/salto/boletins2002/ead/eadtxt3a.htm> (acessado em 20/06/2008).

PALLOFF, R.; and PRATT, K. (2001). **Lessons from the Cyberspace Classroom: the realities of online teaching**. San Francisco: Jossey-Bass.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch (1999). **Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 9ª. Ed., São Paulo:Hucitec.

BARROS, Diana L. P. (1996). Contribuições de Bakhtin às teorias do texto e do discurso. In FARACO, C. A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. (orgs.) **Diálogos com Bakhtin**. Curitiba: Ed. Da UFPR, 1996, p. 21-42.

BODKER, Susanne (1991). **Through the Interface: a human activity approach to user interface design**. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.

FREIRE, P. (1992). **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra.

FREIRE, P. (1995). **À sombra desta mangueira**. São Paulo: Livraria Nova Sede.

HARMON, Maryllen C. (1975). **Paulo Freire: Implications for a theory of pedagogy**. Tese de doutorado. Boston, School of Education, University of Boston.

VALENTE, J. A. (2003). Criando Ambientes de Aprendizagem Via Rede Telemática: experiências na formação de professores para o uso da informática na educação. In VALENTE, J.A. (org.) (2003). **Formação de Educadores para o Uso da Informática na Escola**, 02/2003, ed. 1, Unicamp/Nied, , pp.1-19.

FREIRE, P. (1987). **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz eTerra.

FEITOSA, S.C.S. (1999). **O método Paulo Freire**. [Online]. Disponível em: <<http://www.paulofreire.org/metodo.htm>>. (acesso em: 27/06/2008).

ⁱ Definição de Dilermando Piva Jr., parte inclusa no corpo de sua tese de doutorado na FEEC/UNICAMP.